

*Alex Callinicos*  
*A Vingança da História*  
*O Marxismo e as Revoluções do*  
*Leste Europeu*  
Jorge Zahar Editor,  
Rio de Janeiro, 1992, 172 pp.

ARMANDO BOITO JR. (Professor  
do Departamento de Ciência Política do  
Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas da Unicamp)

Para O autor, o sistema econômico da antiga URSS consistia num capitalismo burocrático de Estado, cujo desenvolvimento e reprodução davam-se em base fundamentalmente autárquicas. O Estado soviético, nessa linha de raciocínio, seria um Estado de classe que organizava a dominação política de uma burguesia de tipo novo.

Partindo desse ponto de vista, o autor não lamenta, sequer nas entrelinhas, a desagregação da União Soviética. Vê as revoluções do Leste Europeu como movimentos políticos que derrubaram regimes de ditaduras burguesas, sem terem, por causa disso, eliminado a dominação social da burguesia burocrática. Tais revoluções deixaram intocado o aparelho de Estado, liquidando apenas os regimes políticos ditatoriais. A antiga burguesia burocrática estaria "movendo-se para o lado", procurando integrar-se a outra variante do capitalismo, o capitalismo privado multinacional, movimento que seria facilitado pelas ilusões liberais amplamente dominantes nos movimentos democráticos do Leste Europeu.

A idéia de Callinicos é que, enquanto foi possível um crescimento

industrial extensivo, baseado na incorporação de matérias-primas e mão-de-obra abundantes, o capitalismo estatal autárquico pôde funcionar bem. A partir do momento em que o crescimento passou a depender da intensificação da produtividade baseada na inovação tecnológica, o isolamento da URSS em relação ao capitalismo multinacional bloqueou o crescimento e gerou uma estagnação crônica. Essa estagnação teria levado a uma insatisfação difusa nas classes trabalhadoras formadas pela industrialização e pela urbanização, configurando uma crise de hegemonia (Gramsci) e convencendo uma parte da burguesia burocrática da necessidade da integração com o capitalismo multinacional - o caminho procurado pela reforma econômica de Gorbatchov. Callinicos dá dados importantes sobre as inúmeras propostas oriundas da alta burocracia das grandes empresas estatais que propunham a associação com o capital multinacional. O autor não estimula nenhuma ilusão sobre a *perestroika*. Gorbatchov não queria reformar o socialismo (que não existia), mas "mover-se para o lado", integrando o capitalismo estatal e autárquico soviético ao capitalismo (dominante) privado e multinacional ocidental.

O livro não participa, portanto, da tendência, observada em alguns trabalhos recentes sobre o tema, que

consiste em recuperar, com pequenas modificações, as teses de Trotski sobre a natureza da antiga URSS. Esse novo trotskismo teórico, eclético e de crise mantém, diante do rotundo fracasso da experiência soviética, a mesma atitude ambivalente que os trotskistas mantinham diante da antiga URSS: crítica à orientação política do Estado soviético e defesa da URSS, entendida como um "Estado operário degenerado" - o que seria operário naquele Estado? qual o estatuto teórico da metáfora biológica indicada pelo termo degeneração? Polemizando de maneira franca, Callinicos mostra algumas das mistificações que as teses de Trotski produziam. Vale a pena lembrar a citação do intelectual trotskista Ernest Mandel, que escrevia ainda em 1980: "Mais uma vez, a história demonstrou que uma economia baseada na propriedade coletiva dos grandes meios de produção, no planejamento central e no monopólio estatal do comércio exterior é qualitativamente superior a uma economia de mercado capitalista em sua capacidade de evitar grandes flutuações cíclicas, crises de superprodução e desemprego, a despeito dos desperdícios e dos desequilíbrios..." (Callinicos, p. 54). Falar em propriedade coletiva dos meios de produção e em superioridade da economia soviética dez anos antes do fiasco final, cuja raiz foi justamente a mediocridade do capitalismo burocrático, é revelador.

Posição similar era defendida por grande parte dos animadores da *New Left Review* que, embora simpatizassem com os movimentos democráti-

cos dos países do Leste, mantinham o apoio crítico aos Estados que sufocavam aqueles movimentos, já que se aferravam à tese do trotskista Isaac Deutcher, que considerava a URSS uma conquista do movimento operário internacional. A *New Left Review* não poderia deixar de ver, portanto, o fracasso da ditadura capitalista soviética como uma derrota da esquerda, engrossando a onda que identifica o fracasso da URSS com fracasso do socialismo.

Se na antiga URSS havia um capitalismo burocrático de Estado, qual a relação desse sistema social com a revolução de 1917?

Callinicos argumenta que há uma ruptura entre, de um lado, a revolução de 1917, uma revolução operária e socialista, e, de outro lado, o que ele chama de contra-revolução stalinista de 1928-32, que, esta sim, teria dado origem ao capitalismo de Estado.

Para o autor, a ruptura instaurada pela contra-revolução stalinista (coletivização forçada da terra, industrialização acelerada, coerção sistemática, cooptação da elite política da classe operária por meio da ascensão social) deveu-se a fatores históricos objetivos - guerra civil, redução drástica e renovação da classe operária do período da revolução, isolamento da revolução em um só país. Ele polemiza, nesse caso, com aqueles que atribuem os rumos tomados pela URSS a partir dos anos 30 à ideologia bolchevique. Sua análise não é capciosa como a dos autores que apresentam esses fatos objetivos mais a título de justificação do que de explicação do que ocorreu

na URSS. Isto é, ele não sugere nenhuma condescendência com o capitalismo burocrático soviético e com sua política de grande potência, com base na origem "heróica" da burguesia burocrática.

Callinicos incorre, contudo, nessa polêmica, no que consideramos um destaque unilateral às condições objetivas. O resultado disso é que ele não apresenta nenhuma análise crítica do marxismo do Partido Bolchevique. Ora, inúmeras idéias-forças do núcleo dirigente do Partido Bolchevique contribuíram para a ascensão e, finalmente, para a hegemonia das forças que lutavam por uma via capitalista nacional estatal no processo revolucionário soviético. Idéias e silêncios bolcheviques particularmente significativos: identificação de estatização e planejamento centralizado com socialização dos meios de produção, concepção tecnicista das relações de trabalho, com a conseqüente defesa da gestão econômica dos especialistas em detrimento da unidade dos produtores diretos com os meios de produção, silêncio sobre os meios concretos para promoção da substituição da burocracia de Estado pelo autogoverno dos produtores, negligenciamento da importância da participação ativa do campesinato, a esmagadora maioria da população soviética, no processo de construção de uma nova forma de organização econômica (a sociedade soviética dos anos 20 comportava a construção imediata do socialismo?) etc. Afinal, a implantação de um capitalismo de Estado na URSS não passou pela construção de um novo partido, mas apenas pela depuração do Partido Bol-

chevique. Callinicos acaba fazendo uma história crítica da URSS, sem fazer um balanço crítico dos marxismos do século XX. Não nos parece que tais fenômenos possam ser desconectados.

Nesse ponto, como em muitos outros, consideramos que a reflexão do autor ressent-se do fato de ele ignorar a bibliografia dos marxistas franceses que desenvolveram um trabalho pioneiro, ao longo dos anos 70, de análise marxista da sociedade soviética. Charles Bettelheim, Bernard Chavance, Robert Linhart e outros trataram o processo revolucionário aberto em 19] 7 e o processo político soviético das décadas subseqüentes como processos movidos pela luta de classes (e não pela luta entre frações ou personalidades políticas) e forneceram análises inovadoras e esclarecedoras sobre os rumos da URSS e a natureza do tipo particular de capitalismo que se erigiu na seqüência da revolução soviética. Callinicos ignora toda essa bibliografia ao longo do seu livro, descartando os trabalhos inspirados no maoísmo como "stalinismo de esquerda". Isso é particularmente estranho, quando se observa que o autor encampa uma das teses centrais do maoísmo, ou seja, a tese de que a URSS era uma formação social capitalista.

A última parte do livro contém, talvez, a discussão mais interessante. Callinicos polemiza com os defensores do chamado "socialismo de mercado" e com os autores que reivindicam um "socialismo democrático", entendendo por democracia a forma histórica que ela assume no modo de

produção capitalista. O autor retoma a análise marxista do mercado - evidenciando a sua conexão com a exploração, a anarquia e a igualdade formal- e desenvolve argumentos, alguns já conhecidos, outros novos, para caracterizar a democracia moderna como uma democracia burguesa. Os "socialistas de mercado" incorreriam em dupla mistificação: de um lado, ao tomar o comando burocrático da economia soviética como planejamento socialista, de outro lado, ao conceber o mercado vigente no capitalismo ocidental contemporâneo como uma realização do modelo de mercado competitivo apresentado nos manuais neoclássicos de economia. Dupla mistificação que bloqueia o desenvolvimento de propostas de ajuste entre oferta e demanda que não sejam nem mercantis, nem burocraticamente programadas.

Callinicos não circunscreve a sua reflexão sobre a democracia socialista ao universo estreito do liberalismo. Não silencia sobre a questão do Estado, como fazem os autores que se esmeram na discussão sobre o pluralismo e o parlamento, sem se pronunciar sobre a continuidade ou liquidação, na transição ao socialismo, da burocracia civil e militar do Estado burguês. O autor retoma a análise de Marx no opúsculo *A Guerra Civil na França*, e, referenciando-se em algumas experiências dos processos revolucionários do século XX, reabre a discussão sobre um Estado de novo tipo, que seria já um semi-Estado: como organizar um poder público sem uma camada burocrática inamovível e separada da produção? como conceber o (necessá-

rio) pluralismo socialista? como criar condições para que as massas possam usufruir plenamente da liberdade de expressão, de reunião e de associação?

Existe, hoje, algo que poderíamos denominar antimarxismo vulgar, que tem atribuído aos marxistas uma ideologia milenarista, cujo objetivo seria nada mais, nada menos, do que uma versão sofisticada da utopia messiânica de construir um paraíso sobre a terra. É uma contribuição importante deste livro o tópico dedicado à reflexão sobre a natureza dos conflitos sociais e os modos de resolvê-los numa sociedade sem classes e sem Estado, isto é, sob o comunismo. Sim, o mundo pode mudar de base, como proclama a Internacional, mas os conflitos, sem serem conflitos de classe, persistirão, e é possível à sociologia analisar, de modo mínimo e prospectivo, a particularidade de tais conflitos na ausência da luta de classes e de um Estado burguês. Sobre o que poderão versar tais conflitos? Que tipos de clivagem provocarão na sociedade? Como serão dirimidos?

O intelectual burguês, que é burguês porque seu horizonte intelectual não vai além das relações sociais próprias do capitalismo, informado, muitas vezes de segunda mão, de que os socialistas querem liquidar as diferenças de classe, concluem que os socialistas querem acabar com todas as diferenças, impondo um mesmo estilo de vida e um mesmo pensamento a todos os indivíduos. Não percebe que é justamente o capitalismo que comprime, limita e rebaixa a expressão das múltiplas aspirações individuais, condenando a maioria da população a

meramente sobreviver, e a minoria a agir (nesse caso, com bastante diligência e satisfação) como funcionária do capital. Mais despreendido, como se exige que seja o cientista social, Callinicos pode vislumbrar, com base em conjecturas plausíveis, uma sociedade dinamizada por uma miríade de conflitos, pluralista sem ser segmenta-

da de modo sistemático por lutas inconciliáveis, e submetida ao princípio democrático da regra de maioria - princípio que pode ser aplicado, ao contrário do que pensa o intelectual burguês, sem a tutela burocrática de uma Justiça Eleitoral. Pode-se praticar a política sem que exista um aparelho de Estado.

**Mauricio Chalfin Coutinho**

*Lições de Economia*

*Política Clássica,*

São Paulo/Campinas, Hucitec/ Ed.  
da Unicamp, 1993, 225pp.

ADILSON MARQUES GENNARI  
(Professor do Departamento de Economia  
da Universidade Estadual Paulista, Campus  
de Araraquara)

Vivenciamos neste final de século uma grande efervescência nas fronteiras das ciências sociais. No entanto, é possível afirmar que uma boa parte dos cientistas sociais, e em especial dos economistas, estão submersos no chamado paradigma fornecido pela economia moderna, ou "ciência econômica" do século XX, quase sempre com seus postulados traduzidos em manuais e ensinados nas melhores escolas de economia do país como a "verdadeira ciência econômica".

À economia clássica, ou para não haver enganos, à economia política, ficou reservado quase que o restrito espaço de uma parte de uma disciplina nos cursos de economia. Não são poucos os reflexos daninhos em nossa

capacidade de elucidação dos graves problemas econômicos e sociais que enfrentamos. É característica dos clássicos uma profunda honestidade intelectual no sentido de desvendar os verdadeiros determinantes ou os mistérios dos fenômenos econômicos e sociais de sua época em toda a sua profundidade e extensão. Esta foi talvez a primeira lição dos clássicos.

O livro de Mauricio Coutinho representa um esforço singular de nos trazer à memória a necessidade de um maior contato com os escritos originais do pensamento econômico clássico. Coutinho busca esta meta não por meio de uma reconstituição apriorística do pensamento econômico, mas procura reconstituir a riqueza do pensamento clássico a partir do "ambiente" que lhe deu vida, ou seja, como manifestação intelectual das mudanças advindas com o surgimento do mundo moderno.

BOITO Jr., Armando. Resenha de: CALLINICOS, Alex. A vingança da história: o Marxismo e as revoluções do leste europeu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, 172p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.1, 1994, p.115-119.

***Palavras-chave:*** Marxismo; Revoluções; Leste Europeu; Capitalismo de Estado; Estado Soviético.